

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Maria Alípio Costa

**UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS SOCIAIS
DE OCULTAÇÃO DA MORTE**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Luciano Caldas Camerino.

Juiz de Fora
2024

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **MARIA ALÍPIO COSTA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **202173096A** declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS SOCIAIS DE OCULTAÇÃO DA MORTE**, desenvolvido durante o período de 12/12/2023 a 23/09/2024 sob a orientação de LUCIANO CALDAS CAMERINO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 24 de setembro de 2024.

MARIA ALÍPIO COSTA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

Dedico este trabalho aos meus tios,
Idalina e Edgar, e sua filha amada,
minha prima e irmã (in memoriam).

UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS SOCIAIS DE OCULTAÇÃO DA MORTE

Maria Alípio Costa

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a problemática da ocultação da morte no âmbito social, para tentar ressaltar a seguinte questão: "Por que as pessoas evitam discutir sobre o morrer?". Assim, apresentam-se também as divergências da atualidade em relação a diversas épocas, e como a negação da morte é posta em cada período, como por exemplo: a morte em tempos passados em relação a medicalizada ou a comparação entre o tabu da morte e o tabu do sexo e outros temas relacionados a mesma. Dessa forma, o intuito deste trabalho foi tentar entender o real motivo da negligência perante a morte e propor uma reflexão sobre a mesma.

PALAVRAS-CHAVE: Ocultação da Morte. Tabu Social. Morrer.

1. INTRODUÇÃO

Entre os temas que frequentemente são ocultados na sociedade, destaca-se, de forma singular, a morte, tema central deste estudo. Embora pouco discutida, em sua universalidade, o tema da morte assume diferentes facetas e é abordado de maneira diversa em distintos campos do conhecimento, como a filosofia, a antropologia, a sociologia e outras áreas de investigação científica, e humanística.

Dessa maneira, cabe ressaltar que os indivíduos sempre temeram a morte não importa a época que fosse, o que mudou drasticamente foi o comportamento em relação a ela. As pessoas não conseguem ter discussões frequentes mais sobre o assunto, principalmente, nas faculdades de medicina, como iremos analisar mais profundamente. Então, por esse evitamento em relação à morte, quando alguém vem partilhar sua dor diante de uma perda, as pessoas tendem a mudar de assunto, preferindo até mesmo não falar o nome do morto, pois seria uma forma de trazer sua lembrança de volta à vida. É difícil entender o real motivo que fez com que as pessoas se tornassem mais distantes sobre o morrer, especialmente considerando que vivemos de um período histórico em que as pessoas se reuniam para assistir a combates mortais, como os duelos medievais.

De fato, com o passar dos tempos e o avanço da modernidade, o assunto da morte começou a ganhar outros espaços e significados de acordo com o contexto social e época em que o indivíduo está inserido. A morte virou um produto. Menezes (2000 citado por Silva 2017), houve um deslocamento da morte que era muitas vezes presenciada na comunidade e começou a ser inserida no âmbito hospitalar, em que o médico começa a ter o poder sobre o corpo do indivíduo. "A morte se profissionalizou. A família transferiu o moribundo para o hospital que por sua vez o transferiu morto para empresas funerárias" (RODRIGUES, 2006, p.178). O ponto da ocultação da morte não seria apenas o descaso em relação a falar sobre o assunto, mas faz parte também, o distanciamento que a família tem do moribundo. Como demonstra José Carlos Rodrigues (2006), a ocultação da morte e o afastamento de quem está morrendo torna-se parte fundamental no fortalecimento do tabu. Não estar perto do moribundo ou do idoso faz com que inconscientemente nós terminemos distantes daquilo que as pessoas temem: a morte. Ao decorrer deste trabalho, nota-se que as classificações do termo 'morte' encontram diferentes significados durante épocas, grupos e regiões. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi bibliográfica e documental.

José Carlos Rodrigues (2006) afirma, que no Brasil, por exemplo, uma pessoa pode morrer de 'morte morrida', na qual a vida se finalizou por questões relacionadas à própria vida biológica ligado ao organismo, e não teve interferência de um outro; morrer 'de velhice' que seria a morte natural; de 'morte matada' onde sempre tem um responsável, como: por acidente, assassinato, suicídio. "Para um brasileiro, este sistema de classificação da morte-evento é fundamental"(Rodrigues, 2006). Em uma grande parte das culturas africanas, não existe o termo 'morte natural', já que para eles toda morte assume significado de assassinato. Entre os *nuer*, a morte não é apenas um fato natural, mas um fato social, seria aqui a destruição

de uma teia de relações com o moribundo, e não excluindo a crença na morte por bruxaria, o que se assemelha aos *krahó*, que veem a morte a feitiço, doença ou acidente. Em contraste, os *guajiro* para eles, a morte de uma pessoa não é vista como resultado de violações de tabus ou práticas mágicas de inimigos, mas sim como um fenômeno causado por seres supra-humanos, abstratos e indiferentes às vidas individuais. A morte é percebida como algo "anônimo" e "aleatório", ocorrendo sem um motivo. "Poder-se-ia até dizer que cada cultura representa um estilo particular de morrer" (RODRIGUES, 2006, p.33).

Contudo, sempre será morte, ou seja, será relacionada a fase final da vida, assim, cabe ressaltar uma dificuldade na sociedade em colocar o tema 'morte' em assuntos do cotidiano, e se acaso o apareça de forma inesperada, as pessoas tentam ao máximo evitar a conversa transformando em outra, colocando-a na forma de tabu, assim como o sexo por exemplo, que também existe essa dificuldade para ser desenvolvido em uma conversa, ambos são banidos dos diálogos sociais estampada por metáforas e escondida principalmente das crianças. Já que, a morte por mais natural que seja, ela também é um rompimento de uma teia de relações; então, "quando um homem morre, não é apenas uma fração do grupo que foi roubada. algo de dignidade infinitamente mais elevada foi afetada - a própria estrutura social" (KESTEMBERG et al, 1992).

Para Kubler Ross (1998) existem diversas razões para não encarar a morte de frente por ser "triste, solitário e desumano" e de Elias (2001), "o fim da vida humana, que chamamos de morte, pode ser mitologizado pela ideia de outra vida no Hades ou no Valhala, no Inferno ou no Paraíso".

Apesar das diversas controvérsias em relação ao motivo que o tabu ao tema 'morte' acontece com frequência nas sociedades, é relevante destacar que o problema central talvez não resida na morte em si, mas na inevitabilidade do desaparecimento do 'eu'. O homem é o único ser capaz de entender e ter consciência da morte e que seu tempo é efêmero. Entretanto, o homem também tem que ser consciente que a partir do momento que ele nasce, ele morre. Pois, se acaso não entender isso completamente, será corrompido pelas amarras do tabu.

Por fim, o primeiro item do trabalho aborda a dificuldade de discutir o tema da morte nas sociedades contemporâneas, analisando essa questão sob a perspectiva de uma felicidade distópica. Além disso, apresenta uma análise dos tipos de morte segundo o autor Philippe Ariès. No subitem deste primeiro tópico, o leitor será introduzido sobre a medicalização da morte, mostrando como, no passado, as pessoas costumavam morrer em casa, cercados pela família, enquanto hoje a morte, muitas vezes ocorre de forma solitária, sob o controle dos médicos. No segundo item, é demonstrado que a humanidade é a única espécie consciente de sua mortalidade. Embora o ser humano tenha dificuldade em reconhecer a própria finitude, essa consciência se manifesta no subconsciente, impactando profundamente o indivíduo. No terceiro e último item, discute-se a relação entre a palavra tabu e a morte, conforme interpretado por culturas antigas, além de abordar o tabu em relação ao sexo. Também se explora a mercantilização da morte nas sociedades modernas, em que a morte se tornou um objeto do capitalismo.

1- Morte: Representações e Fracasso na Contemporaneidade

Na sociedade contemporânea, há uma dificuldade para tratar de determinados tópicos, especialmente aqueles cercados de tabus, uma vez que os padrões morais e éticos variam conforme as transformações sociais, refletindo diferenças culturais. Além disso, fatores históricos e culturais exercem grande influência, tornando-se mais difícil falar abertamente sobre certos assuntos. É notável o distanciamento das sociedades ocidentais em relação ao tema da morte. Embora muitos tentem relegá-la ao plano do invisível e do tabu, sua presença persiste, sutilmente entrelaçada em nossas vidas, seja em espaços públicos ou nos recantos mais privados. Portanto, "a morte, muito mais que uma classificação biológica, está ligada a vários âmbitos como o social, filosófico, antropológico, espiritual e religioso" (SANTOS et al, 2018). Para tanto, o autor Philippe Ariès (2017), em sua obra "História da Morte no Ocidente" explora como as atitudes e representações em relação a morte mudaram ao longo do tempo, são elas: morte domada, morte de si mesmo, morte longa e próxima, morte do outro e morte invertida.

A primeira, chamada por Ariès de "morte domada", refere-se a morte em seu aspecto mais antigo, onde o saber que vai morrer é conhecido, ou seja, não se morre sem saber que vai morrer, e isso era dado por signos naturais ou por convicção íntima. "Em *Les trois morts* de Tolstoi, um velho cocheiro agoniza na cozinha do albergue, junto ao grande fogão de tijolo. Ele sabe que vai morrer. Quando uma mulher lhe

pergunta gentilmente como vai, responde: “A morte está presente, eis o que há”. (ARIÈS, 2017, p.33). Em tal contexto, a morte além de tradicional e familiar, já era esperada, sabendo que morreria, o moribundo já tomava algumas atitudes. De acordo com o autor,

tratava-se também de uma cerimônia pública. O quarto do moribundo transformava-se, então, em lugar público, onde se entrava livremente. Os médicos do fim do século XVIII, que descobriram as primeiras regras de higiene, queixavam-se do excesso de pessoas no quarto dos agonizantes. Ainda no começo do século XIX, os passantes que encontravam na rua o pequeno cortejo do padre levando o viático acompanhavam-no, entrando, em seguida, no quarto do doente (ARIÈS, 2017, p. 37).

Faz-se necessário observar que as perspectivas em torno da morte mudaram da “domada” para a de “si mesmo”, mas que visão tradicional anterior não foi completamente substituída e sim modificada de maneira sutil, tornando-se mais dramática e pessoal. Assim, a “morte de si mesmo”, para melhor entendimento foi dividida em uma série de fenômenos, os quais são: a representação do Juízo Final, nos tempos; o deslocamento do Juízo para o fim de cada vida, no momento exato da morte; os temas macabros e o interesse dedicado às imagens da decomposição física; e a volta à epígrafe funerária e a um começo de personalização das sepulturas (ARIÈS, 2017, p.48).

Porém, com a finalidade de dar um novo sentido à morte, a partir do século XVIII, surgem transformações sociais e culturais significativas. Nesse período, o homem ocidental começa a exaltar e dramatizar a morte, valorizando-a como uma experiência impressionante e arrebatadora. Esse novo enfoque resulta em uma preocupação menor com a própria morte, refletindo uma mudança na percepção em que a morte do outro se torna central, que para o autor vai se intitular de a “morte do outro”.

Em vista disso, Ariès descreve a morte interdita, onde “a morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição” (ARIÈS, 2017, p. 82), pois, nessa atitude a morte deve ser escondida, como um tabu. Neste momento, não se morre em casa como antes, mas sim, no hospital.

Vamos ao hospital porque os médicos não conseguiram curar. Vamos ao hospital não mais para sermos curados, mas precisamente para morrer... A morte no hospital não é mais ocasião de uma cerimônia ritualística presidida pelo moribundo em meio à assembleia de seus parentes e amigos, a qual tantas vezes mencionamos. A morte é um fenômeno técnico causado pela parada dos cuidados, ou seja, de maneira mais ou menos declarada, por decisão do médico e da equipe hospitalar (ARIÈS, 2017, p.84).

Conseqüentemente, os ritos fúnebres também passaram por significativas transformações, e para reforçar o “tabu” em relação a esta atitude, os indivíduos procuravam reduzir o tempo dos velórios, para que o corpo desapareça o mais fugaz possível e para que as pessoas ao redor (parentes, vizinhos e crianças de principal) esqueçam do acontecimento; as roupas escuras o que antes era adotado, é modificado por algo que seja mais do cotidiano; dentro do núcleo familiar, chorar ainda é reprovada, com receio de chamar a atenção das crianças, o melhor é quando ninguém está vendo. “O luto solitário e envergonhado é o único recurso, como uma espécie de masturbação” (ARIÈS, 2017, p.85). Por isso, se a morte é vista como algo que deve ser a todo momento escondida, ARIÈS (2017) ressalta que em alguns países onde a revolução da morte é mais radical, um exemplo que o autor coloca seria a Inglaterra, para que as pessoas não visitem mais túmulos com finalidade de anular o corpo, a cremação é a forma dominante de sepultamento, excluindo assim, a peregrinação ao túmulo.

Em consonância, com análise acima sobre a morte interdita, é válido salientar alguns aspectos sobre a morte invertida, na finalidade de demonstrar as mudanças das atitudes diante da morte nas sociedades ocidentais, já que, essas duas representações de morte - “interdita e invertida”, são as que se ligam diretamente à ideia de tabu.

Na primeira análise, temos como o moribundo é privado de sua morte. O que outrora o homem sabia que iria morrer e com isso antecipadamente se preparava para o “evento”, por isso a morte era considerada pública e familiar. Portanto, em analogia a ARIÈS (2017, p.221) na “morte invertida”, não era bem assim, pois o homem da segunda fase da Idade Média e do Renascimento, tinha controle sobre sua chegada ao fim e se importava com veemência a isso. Assim, a partir do século XVII, com o avanço do

racionalismo, o homem passou a não mais exercer soberania de sua própria vida, por conseguinte, de sua morte. Essa mudança se deve ao deslocamento do enfoque individualista para um modelo mais coletivo, onde as decisões relativas à morte passaram a envolver a família. Contudo, essa dinâmica se alterou, refletindo as transformações sociais e culturais da época, que trouxeram a família para o centro das decisões sobre a vida e a morte.

Hoje em dia não há mais resquícios, nem da noção que cada um tem ou deve ter de que seu fim está próximo, nem do caráter de solenidade pública que tinha o momento da morte. O que devia ser conhecido é, a partir de então, dissimulado. O que devia ser solene, escamoteado. É tácito que o primeiro dever da família e do médico é o de dissimular um doente condenado a gravidade de seu estado. O doente não deve saber nunca (salvo em casos excepcionais) que seu fim se aproxima. o novo costume exige que ele morra na ignorância de sua morte (ARIÈS, 2017, p.217)

Em uma segunda análise, observa-se a rejeição do luto, a qual, além de privar o indivíduo da experiência da própria morte, impede os vivos de expressarem o luto, ou seja, de manifestar seu sofrimento de forma intensa. “Seríamos muito apressados se disséssemos que, numa sociedade de felicidade e bem-estar, não havia mais lugar para o sofrimento, a tristeza e a morte” (ARIÈS, 2017, p.217).

O silêncio que envolve o assunto é quase ensurdecedor, e sua discussão é muitas vezes evitada, como se fosse um intruso indesejado em meio à frenética busca por produtividade e sucesso. A morte, com sua inevitabilidade, desafia o ritmo acelerado das sociedades contemporâneas, que valorizam a ação incessante e a busca constante por realizações. Cada sociedade elabora sistemas para se contrapor à mortalidade, fazendo com que sustentem uma promessa de vida eterna. Em meio à recusa da própria mortalidade juntamente das sociedades mais avançadas, ou seja, tecnologicamente mais desenvolvidas, como descrito por Norbert Elias em *A Solidão dos Moribundos*, nota-se uma dificuldade de aceitação, evidenciada pela busca excessiva por procedimentos estéticos que visam retardar os sinais de envelhecimento e mortalidade, além da recorrente associação da morte a doenças, e a ânsia por uma “cura” para que a vida se postergue cada vez mais, e o que mais se acontecesse nessas sociedades é isolar os idosos e doentes da vida social, com a finalidade de estar cada vez mais distante de moribundos.

Nesse contexto, falar sobre ela torna-se um ato de coragem e reflexão, pois isso confronta diretamente a ilusão de controle e invulnerabilidade que muitos cultivam em suas vidas. Ao evitar o tema da morte, perdemos a oportunidade de compreender melhor nossa própria existência e as prioridades que realmente importam. Negligenciar esse aspecto fundamental da condição humana é privar-nos de uma rica fonte de sabedoria e crescimento pessoal (NASCIMENTO E DILLMAN, 2022, p.309,310,311).

Em uma atualidade que vive buscando incessantemente o prolongamento da vida e a “eterna felicidade”, acaba por estimular o materialismo, e produzindo matérias e remédios sobre como viver mais, aumentando o capital e fazendo entender que morrer é perder tudo. Zygmunt Bauman (2001, p.11) afirma que “o que está acontecendo hoje é, por assim dizer, uma redistribuição e realocação dos “poderes de derretimento” da modernidade” ou seja, com a modernidade líquida não há rigidez sobre as relações, assim, as redes sociais em conjunto dessa liquidez, faz com que a vida se concretize com celeridade, resultando em indivíduos que não consigam ter uma reflexão mais apurada sobre o sofrimento, já que de certa forma seria visto também como fracasso.

Existe, na atualidade uma obsessão na busca da felicidade plena em todo instante da vida, principalmente com a ascensão da tecnologia e das redes sociais em que, numa sociedade de hiperconsumo e supereposição, as pessoas estão sempre fadadas na busca pela vitória, e que seria mais prudente adotar uma postura para camuflar os sentimentos tristes e melancólicos porque estão ligados ao fracasso. Então, citado por NOGUEIRA (2022), para Byung-Chul Han, vivemos em um estado de algofobia, ou seja, o medo mórbido das dores, da melancolia, da tristeza e do sofrimento. Concomitantemente, há uma dificuldade grande de falar sobre o luto e principalmente a morte porque ocultá-la gera um sinônimo de continuar a ser feliz, logo os indivíduos não pensariam no próprio fim. “As indústrias da medicina, da alimentação e da estética conduzem os corpos. Não na condição de indivíduos alienados, mas na condição de indivíduos que buscam a todo custo evitar a morte”. (FOUCAULT, 2002, apud SILVA, 2015)

1.1- Medicalização da morte

Com o avanço das sociedades industriais e o constante progresso técnico e científico da área médica a partir do século XIX, houve uma transformação significativa na perspectiva da morte e na abordagem aos pacientes à beira do óbito. A revolução na higiene ampliou ainda mais a distância entre os vivos e os mortos, resultando na percepção de que a interação entre essas duas condições representava um risco considerável, uma fonte potencial de contaminação e doenças. Essa mudança radical na maneira como a sociedade encarava a morte refletiu-se em uma nova compreensão do perigo e da necessidade de proteger a saúde pública (COMBINATO; QUEIROZ, 2006,p.210). Consoante Fitzgerald (2022) “Pelos idos de 1860, era praxe nascer em casa. Hoje, conforme chega aos meus ouvidos, os grandes papas da medicina já decretaram que os bebês devem soltar seus primeiros gritos no ambiente asséptico de um hospital...” Em consonância com a visão de Martins (1983, p.9), o momento vivido atualmente é de perda de sentido sobre todas as coisas, visto que, ao não saber lidar com os moribundos, isso nos livra do peso na consciência de ter que enfrentar com essa situação, então os mandamos para o hospital, para uma morte limpa, higiênica, técnica, mas solitária e desumana. Contudo, o isolamento dos moribundos é uma tragicidade nas sociedades atuais, já que há uma despersonalização da morte, onde o afastamento dos idosos e moribundos do convívio social, as sociedades mais avançadas tendem a ver a morte como algo cada vez mais distante, ou como anteriormente colocado, se afastam cada vez mais para não ter que lidar com o medo intensificado do morrer. Assim, quando as pessoas não têm contato com moribundos, a morte pode parecer incompreensível.

Dessa maneira, na perspectiva de Elias (2001), o isolamento tático dos idosos e dos moribundos da comunidade dos vivos, faz com que esses mesmos venham a ser mais tristes pela separação gradual dos indivíduos que anteriormente eles tinham contato, fazendo com que se sintam esquecidos e desvalorizados, já que as sociedades atuais tendem a priorizar os jovens e a produtividade em larga escala. Esse isolamento acontece de forma “silenciosa”, há um esfriamento na relação do outro com o idoso e moribundo, o que se difere em sociedades menos industrializadas, onde é mais frequente ter o contato e cuidado com os moribundos. O isolamento não é tão acentuado, porém, essa separação reflete uma das grandes fraquezas das sociedades avançadas, já que faz com que tenham muito pouco contato com o morrer, que para esses idosos e moribundos está muito próximo.

Desta forma, há uma transição do contexto social do morrer, uma vez tradicional, voltada para o indivíduo “partir” em casa, junto dos parentes e pessoas próximas, é transformada para o ambiente hospitalar, que se deu porque os problemas em torno da higienização começaram se mostrar mais aparente para sociedade e preocupações estatais. Para Foucault (1978,p.102 apud Silva, 2017), em relação ao deslocamento da morte, enfatiza que “antes do século XVIII, o hospital era uma instituição de assistência, separação e exclusão, e não do doente a ser curado, mas do pobre destinado a morrer. O hospital da época tratava-se de um “morredouro”, o objetivo das pessoas que trabalhavam nos hospitais era a própria salvação, visto que na época havia muita ligação com a Igreja. Foi apenas na segunda metade do século XVIII, na Europa Ocidental, que o hospital se transformou em uma base para estudos.

Após o século XIX, cada vez a vida foi secularizada para ambientes médicos, e apesar dos progressos de salvação de vidas, a própria medicina se torna distanciadora da ideia de morte, por meio de avanços técnicos e científicos, dessa forma, reduzindo as taxas de mortalidade e o prolongamento da vida. Então, o que antigamente era um evento natural passa a ser algo controlado. Haja vista, como anteriormente salientado, o morrer sempre estava presente em sociedade e no pensar coletivo, dito de outra forma, era normal se presenciar a morte, com novas criações de tecnologia e a medicina ganhando capacidade de intervir no processamento da morte, essa ideia da morte no consciente das pessoas foi sendo cada vez mais evitada, já que estando nas mãos dos médicos eles estariam salvos.

Segundo o raciocínio de Elias (2001, p.56) a constatação de que a morte é inevitável está encoberta pelo empenho em adiá-la, com a ajuda da medicina e da previdência, e pela esperança de que isso talvez funcione. Apesar de todos os funcionamentos das tecnologias, com a mudança do ambiente familiar para o hospitalar, o moribundo foi visto e tratado como mero objeto. Em análise, o filósofo Bauman citado por Veras e Soares (2016), há uma transformação das pessoas em mercadoria, não se comercializa apenas objetos, mas estilos e modos de vida. A morte, como no descrito, ao invés de ser analisada como um evento natural e pessoal, nessa perspectiva é reduzida a um mero produto.

No conto de Leon Tolstói, A morte de Ivan Illitch, fala sobre um Juiz de meia idade na Rússia Czarista, onde busca uma vida de status, se esquecendo até da própria família em diversos momentos. Um

dia, ele fica gravemente doente, sendo possível ver o local da morte ser transferido, do lar para um hospital, tornando mais difícil suportar a doença, nota-se também, de maneira bem clara, a forma como os familiares e médicos de Ivan, tentavam a todo instante ocultar a morte para o homem, achando melhor não contar para ele sua real situação, com receio de que ele piore. Sendo que, o que acontecia era contrário, Ivan se chateava e se irritava porque ninguém contava ou comentava perto dele que ele estava no seu fim.

Nos dias de hoje, os médicos ainda são as autoridades sobre a morte, apesar de se obter muitas pesquisas sobre o assunto voltada para outras áreas, porém há de ser visto sua escassez. “Esse conceito de morte moderna - oculta socialmente-, o médico tem o controle sobre o indivíduo, se instituiu o poder médico” (SILVA, 2017, p.39). No livro “A morte é um dia que vale a pena viver”, a autora Ana Cláudia Arantes (2019), descreve sobre a falta de interesse que a medicina dá em torno da morte e o morrer, e que na própria faculdade, não é estudado sobre tal. Por isso, é válido a reflexão com o pensamento acima, se os médicos estão como autoridade principal sobre a morte, mas os mesmos não se abrem e discutem do tema, em que lugar ficará a morte no pensamento social? Não o suficiente, os profissionais que são sensíveis a discutir e agir com a terminalidade são considerados pessoas frágeis demais entre os outros profissionais de saúde. Na perspectiva da medicina, nota-se que há uma forte tendência em não demonstrar a tristeza por perto, de modo que ela sempre fique longe, na medida em que estão tentando salvar vidas a qualquer custo. Contudo, assim como o item anterior, em geral todas as pessoas tentam não pensar na morte e deixar ela longe. O problema aqui começa na ocultação, a ponto de fingir que a coisa em questão não existe.

SILVA (2017) cita MENEZES (2004) “Em sua obra Em busca da boa morte, esclarece que para os médicos e as instituições a morte tornou-se um fracasso (Idem, p.35)”. Conquanto, os médicos se sensibilizam com o morrer, visto que, a obrigação deles é salvar vidas, então o pensamento que mais está a flor da pele ao estar diante de um paciente é a sua salvação, assim, é de suma importância para os estudantes de medicina, e fazendo uma analogia com a autora e médica, já citada, Ana Claudia Arantes, que tenham contato já desde cedo - na graduação - com o estudo do morrer, para que, as formas de ocultação se voltem para uma aceitação moderada da morte e o morrer. De fato, há vários meios de entender as motivações sociais de negligenciamento da morte, e um dos principais está em entender a nossa própria finitude em relação a do outro.

2- A morte e a consciência humana

Consoante Martin Heidegger citado por Kestenberg (1992) “Assim que o homem começa a viver, tem idade o suficiente para morrer” ou seja, para Heidegger, quando o homem entende que é um ser limitante também compreende sua vida finita, e a partir de que nasce e vive já está apto para morrer. Apesar de procurar sempre estar vivendo a cada instante, o subconsciente se sente limitado e melancólico pelo seu tempo que é breve. Nossa consciência, entretanto, segundo ROSS (1998), abomina esta ideia de morte real, é inconcebível para o homem aceitar tranquilamente o fim de sua existência aqui na Terra. Assim, parece que nas sociedades ocidentais o medo da morte, em muitos casos — mas não em todos —, é ignorado pelos indivíduos até o momento em que ele se torna inevitável, revelando sua verdadeira face e mostrando que, na realidade, a morte sempre esteve presente, mesmo que muitas vezes não seja reconhecida conscientemente. Becker (1991), explicando Zilboorg diz que ao mesmo tempo que o medo da morte se faz presente no funcionamento psicológico também é total o esquecimento desse temor na vida consciente. “A morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós e que não estamos” (EPICURO, 2002,p.29). Claramente, sob a ótica da passagem citada de Epicuro, seria “tolo” dizer que o homem pode temer a morte, já que ele está no presente e a morte não está no mesmo plano, para o autor, o que importa não é a duração, mas a qualidade da vida. A realidade que se faz presente para os indivíduos em relação à morte e ao morrer, é ter consciência dela e o sentimentalismo que isso traz. No entanto, pode-se pensar que, para um ser pensante, o problema não é a morte em si, mas o fato de que ‘eu’ morro, e quando o outro morre, surge o pensamento “antes ele do que”, pois isso gera o receio de ser o próximo. Aqui, o que se faz importante entender é que a primeira experiência do homem com relação à morte é a do outro certamente, e nossa consciência vai sendo ampliada conforme os períodos da vida. O morrer do outro faz ressignificar a vida, para se aproximar sempre mais consciente que o ‘eu’ também pode morrer. Aquele que morre deixa o mundo, apenas fisicamente, mas tudo que é relacionado a este, vive (KESTEMBERG, 1992).

A morte do outro é o anúncio e a prefiguração da morte de 'si', ameaça da morte do 'nós'. Ela mutila uma comunidade, quebra o curso normal das coisas, questiona as bases morais da sociedade, ameaça a coesão e a solidariedade de um grupo ferido em sua integridade... Diante da prefiguração da morte de 'si' e da ameaça do 'nós' que se pode ver na morte do 'outro', a sociedade se emociona e sua palavra de ordem é a união. (RODRIGUES, 2006, p.82,83).

Ernest Becker (1991) argumenta que, sempre existiu algo de peculiar no homem que o diferencia de outros animais, que é o fato dele ser metade animal e metade simbólico, assim, o homem seria um ser dual, respectivamente o simbolismo seria, a capacidade do ser humano se desenvolver, principalmente com uma mentalidade especulativa e dessa forma ter consciência de si mesmo. Simultaneamente, ele é um ser biológico, com limitações. Nessa perspectiva, o homem precisa lidar com um grande dilema, que é ser consciente do seu simbolismo e representação no mundo, mas também da sua própria mortalidade física, que é torturante, já que deve tratar com a realidade de sua finitude. José Carlos Rodrigues (2006), indo na mesma perspectiva, aponta que o animal não se sabe mortal, ele vive por instinto de sobrevivência e conservação, e por sentidos, tem sensibilidade em relação ao seu fim, quando está próximo procura um lugar escondido para morrer em paz. "Tal incapacidade animal de se saber mortal está associada à impossibilidade de o animal se ver como indivíduo" (RODRIGUES, 2006, p.19). Quando se toma consciência não só da morte do outro como a do eu, faz com que pensamentos indignos do presente se libertem, ou seja, ter consciência da morte é importante já que faz com que a valorização da vida seja maior, e assim, focar nas coisas que de fato importam, e pensamentos triviais, vazios e obscuros sobre a morte extravasam.

A morte não é apenas por fim a existência corporal, sem embargo, a cultura e o conceito empírico estão interligados a esse fim, isso dá entender que o próprio eu pensante em relação a morte terá interferência na reflexão e o medo sobre ela. Contudo, o ser pensante em relação à consciência da morte também é visto e germinado no psiquismo infantil. Para Rodrigues (2006), consta sobre os trabalhos de Piaget, onde demonstram que, a partir do momento que a criança toma consciência de si como indivíduo pensante ela é afetada pelo medo da morte. Ou seja, até os três ou quatro anos, a criança nada sobre a morte, o vocabulário infantil "incha", no máximo sabe sobre o aniquilamento temporário de outro, não de si mesma; Aos cinco anos, crê que a morte é reversível; Pelos seis anos têm consciência afetiva da morte, por exemplo: que a mãe pode morrer e isso o afeta e apenas com oito e nove anos que a criança entende de fato sobre o morrer do outro e de si mesmo. (RODRIGUES, 2006, p. 22) Dessa forma, quando se toma consciência não só da morte do outro como a do eu, os indivíduos se libertam de pensamentos indignos no 'eu' presente. A partir do momento que as pessoas pensam, afirmam-se sua presença no mundo. Na perspectiva de Louis-Vicent Thomas (1978: 24) citado por Rodrigues (2006), a partir do momento que cada indivíduo toma consciência da própria finitude que a vida começa carregar o peso da própria existência, ter que continuar vivendo e lidar com o 'eu' que também morre, a vida começa ser levada com um peso diferente e muito maior. Na medida em que as pessoas vão construindo sua trajetória, essas são deixadas com a sensação de incompletude, isso porque a vida finita faz com que ao mesmo tempo que nos esforçamos para dar sentido à vida, não seria possível alcançar completamente, pois o tempo nessa vida não é eterna.

Sendo que, há várias maneiras de lidar com o fato de que todos vamos morrer. Do ponto de vista sociológico, o estudo sobre a finitude da vida vai se dar conforme os complexos culturais da sociedade, em que as vivências, ritos, passagens, serão transportados para um novo pensar do morrer, e isso vai mudando em cada época. Nesse sentido, seria oportuno lembrar aqui as palavras de, MATTEDI & PEREIRA (2007):

enquanto em alguns grupos sociais a morte é encarada com serenidade, em outros pode gerar inconformismo e dor; enquanto, para alguns, a morte é vista como uma punição, para outros pode representar uma redenção; enquanto, para alguns, a morte é vista como um fim, para outros pode constituir, simplesmente, o começo.

Ainda para MATTEDI & PEREIRA (2007) na sociedade moderna, a morte não é mais um evento amplamente discutido, em vez disso, ela é tratada de maneira mais privada, fazendo com que ocorra uma segregação de experiência. Essa rede de processamento é constituída por, pelo menos, cinco atores sociais predominantes, que traduzem o significado moderno do morrer: a família, a religião, o estado, o mercado e a ciência. Respectivamente, o 'ator-família' é composto pela morte de alguém amado, é envolto de

sentimentalismo e comoção; Já o 'ator-religião' é composto pelas igrejas e seus sacerdotes, com a religião é uma teia de símbolos então a morte se dá pela lógica espiritual, do que cada religião pensará ao seu respeito; Para o 'ator-estado' a morte é processada burocraticamente; Para o 'ator-mercado', a morte significa uma possibilidade de ganho, o mercado a vê como uma oportunidade de ganho; Para o ator-tecnocientífico, constituído pela rede de hospitais, clínicas, ciências médicas, laboratórios farmacêuticos etc., a morte é vista como uma falha técnica dos instrumentos de intervenção científica sobre a vida, pois atua procurando evitar que a morte biológica ocorra. Então, é a partir desses atores que a morte é ocultada.

A forma como cada ator traduz e processa a morte constitui o resultado de seu funcionamento como rede. Por um lado, esse funcionamento reduz a complexidade social do morrer, submetendo os demais significados da morte ao seu próprio modo de operação. Por outro lado, devolve a morte traduzida para a rede de processamento. Assim, por exemplo, dificilmente se identifica a presença de um médico durante um funeral. (MATTEDI; PEREIRA, 2007)

Portanto, a fim de concluir mais detalhadamente os processos sociais e psicológicos humanos sobre o morrer, Freud (2009) conduz seu leitor a entender que a morte é algo natural, indiscutível é inevitável. Porém, na realidade, as pessoas se comportam de forma contrária a essa perspectiva, isto é, tentando silenciá-la. Para o autor, as pessoas não acreditam na própria morte, e apenas no inconsciente estão convencidos de sua imortalidade, já que é muito mais fácil lidar com a morte dos outros do que da própria.

Além disso, FREUD (2009) direciona o leitor a uma investigação psicológica ao tentar decifrar a atitude geral frente à morte, sobre o homem primordial e "para aquela que em todos nós ainda se mantém, mas invisível e oculta à nossa consciência". No primeiro, o homem vive em contradição, ao mesmo tempo que aceita a existência da morte, que a reconhece como aniquilação da vida, o outro lado, a nega como irreal. "O homem já não podia manter de si afastada a morte, pois a experimentara na dor pelos seus mortos; mas não a queria reconhecer, já que lhe era impossível imaginar-se morto". Ou seja, o inconsciente perante a morte, é como o homem primordial. A reconhece, mas a distância, mantém longe ao ponto de não crer no próprio morrer, e age como se fosse imortal. Desconhece a morte, porque ela está no âmbito negativo da vida, e tudo que é negativo, o inconsciente se contrai, obrigando o homem a ser sempre herói e não acreditando na sua própria morte. Devido a isso, o homem vai criando válvulas de escape com a finalidade de não pensar no próprio morrer, da mesma forma que BECKER (1991) salienta sobre o homem dual.

Por conseguinte, importa frisar que, as pessoas têm uma tendência heroica, e essa tendência é ligada à ideia de narcisismo, o que interfere na maneira que elas lidam com o morrer. "Aristóteles disse que: sorte é quando o sujeito ao seu lado é atingido pela flecha" (BECKER, 1991, p.20). Essa visão reflete o caráter narcisista do ser humano, que frequentemente vê os outros como sacrificados enquanto se sente invulnerável. É essa ilusão de imortalidade que se desfaz apenas quando o indivíduo se depara com a morte de forma direta, revelando a fragilidade da consciência humana em aceitar sua própria mortalidade.

Para Kubler-Ross (1998), do ponto de vista psicológico, o homem tem a tendência de se defender de diversos modos contra qualquer situação que chegue perto da morte, de estar a todo instante se precavendo diante dela, fazendo com que ele negue sua própria morte por um tempo, de acordo com ROSS, nosso inconsciente não entende a respeito da nossa própria morte, mas compreende o que é a mortalidade. Assim, para o homem é possível aceitar a morte do próximo facilmente, contudo no inconsciente tem fixado "ainda bem que não fui eu". Portanto, para a citada autora, já que não é possível rejeitar a morte, podemos tentar dominá-la, pois, cedo ou tarde, todos terão que enfrentar ela frente a frente, e começar admitindo a possibilidade da morte do próprio 'eu', para a autora, poderíamos estar em uma forma mais leve de bem-estar e viver a vida.

A morte não é tão terrível. Passa-se ao sono e o mundo desaparece – se tudo correr bem. Terrível pode ser a dor dos moribundos, terrível também a perda sofrida pelos vivos quando morre uma pessoa amada. Não há cura conhecida. Somos parte uns dos outros. Fantasias individuais e coletivas em torno da morte são frequentemente assustadoras. Como resultado, muitas pessoas, especialmente ao envelhecerem, vivem secreta ou abertamente em constante terror com a morte. O sofrimento causado por essas fantasias e pelo medo da morte que engendram pode ser tão intenso quanto a dor física de um corpo em deterioração. (ELIAS, 2001, p.76).

3- Morte: Silêncio, Religião e Finitude

Nessa perspectiva, vale salientar que, como Freud (2022) afirma ao citar Wundt, a ocultação da morte é mais “antiga que os deuses e remonta a épocas anteriores a qualquer religião”. Contudo, ao longo do texto, destaca-se que essa ocultação adquiriu diferentes significados ao longo do tempo, especialmente na modernidade. Para FREUD (2022), o significado de TABU se divide em dois pontos, respectivamente: “santo, consagrado” e “perigoso, proibido e impuro”. Nas análises do já citado autor, sobre o tabu dos mortos, o mesmo descreve que, esse tabu evidencia uma fatalidade na maioria dos povos primitivos, já que se manifesta diante daqueles que presenciam o luto pelo moribundo. Por consequência, em suas pesquisas, analisou algo peculiar entre os primitivos, da proibição de dizer o nome do defunto, para alguns povos, isso se perpetua apenas no período do luto, por outro lado para outros isso se dá de forma permanente, se atenuando na medida do tempo. É encontrado não só entre os polinésios e australianos, mas também em povos tão remotos e desconhecidos uns dos outros como samoiotes, da Sibéria, e os todas, do sul da Índia, os mongóis, da Tartária, e os tuaregues, do Saara, os ainos, do Japão, e os akambas e nandis, da África Central; os tinguianos, da Filipinas, e os habitantes das ilhas Nicobar, de Madagascar e Bornéu. Assim, falar o nome do morto poderia ser remotamente ligado ao próprio, “o luto gosta de ocupar-se com o falecido, evocar sua lembrança e conservá-la tanto quanto possível. Pronunciar seu nome lhes parece uma invocação, que logo será seguida por sua presença”. Então, pode ser feita uma analogia das análises de FREUD (2022) dos primitivos aos indivíduos da contemporaneidade no período de luto que, apesar de não ser uma proibição, falar o nome do morto, no luto ou após, geraria desconforto, pela lembrança e saudade da presença do ente amado.

Portanto, como já foi visto, a percepção da morte evoluiu ao longo dos séculos, mudando a perspectiva do outro sob esse fato de sua própria finitude, que é algo que começou a aterrorizar muito na mente das pessoas. Em razão disso, Ariès (2003) como preleciona Fernandes (2005), nos ajuda a entender melhor como a concepção da morte passou de uma visão coletiva e familiar para uma experiência mais individual e dramática. A partir do século XII, a morte começou a ser encarada de maneira mais pessoal, pois o lado individual começou a prezar cada vez pela salvação da alma. Por isso, Ariès (2017) examinou como a sociedade ocidental evoluiu da perspectiva da morte e Juízo Final. Já que, inicialmente, a morte era algo que o homem não tinha controle, então o homem e seu coletivo pensavam assim, que a morte era uma lei da natureza que não poderia ser intervida. A partir do século XII, há uma passagem para uma noção mais dramática e individual, que seria uma representação do juízo final. Então, até o final deste século, acreditava-se que as pessoas que viveram uma vida digna e com boa moral reservaram um lugar no reino dos céus. No século XIII, acreditava-se já em um amontoado de pecados durante a vida que seriam analisados no Juízo Final, e isso julgaria o destino de sua alma. No século XV, a figura de Deus, antes representada como um juiz supremo, é transformada em árbitro, e a responsabilidade pela salvação da alma passa a ser do próprio indivíduo. O que mudaria aqui no entanto, é que no momento da morte, o próprio homem faria uma revisão de sua vida, e pelo arrependimento e desapego material, salvaria sua alma mesmo que tenha cometido pecados, caso contrário a este, que se demonstrasse apego ao material perderia sua salvação. “Esta noção de responsabilidade do homem em relação à salvação de sua alma muda conforme se apura a percepção do que se tem a perder com a morte: a riqueza e a individualidade.” O que anteriormente foi visto, a morte era encarado como algo natural e um destino comum a todos homem, a morte coletiva apagaria todas as diferenças entre os indivíduos. A partir do século XII, a individualidade passou a ser percebida como algo que o homem tinha e que, com a morte, ele perderia. Então, o homem que temia perder suas posses e status, passou a temer mais o seu fim. Vale colocar também que até o século XIX, ainda tinha a crença de que a salvação poderia ser decidida no momento da morte. Porém, com a Reforma Católica, houve uma tentativa de afastar a ideia de uma boa morte, ou seja, não era de tal forma necessário esforçar-se e, viver virtuosamente porque uma boa morte resgata todos os erros, se dando dois pontos: a morte resgataria o homem do erro e a de que, o homem descobriu a ‘morte de si’ enquanto indivíduo abandonando a antiga nova coletiva de que todos morriam igualmente (FERNANDES, 2005 apud AIRÉS 2003).

Por contraposição, Rodrigues (1983) suscita a reflexão de que, “a sociedade é um sistema de comunicação, o desaparecimento de um componente de sua organização põe em crise todo o sistema”. Então, a morte não é um evento individual, mas um conjunto de vários processos que constituem um tecido social, assim, desaparecendo um indivíduo, um tecido inteiro de relações sumirá. Contudo, essas relações não cessam com o falecimento, pois a comunicação é fortificada nas relações sociais. Nas pesquisas de outros autores, coletadas por Rodrigues (1983), deve-se no momento citar um grupo étnico chamado *guajiro*, que quando um indivíduo morre os outros estão proibidos de pronunciar seu nome, quem quebrar este tabu, pagaria com a própria vida. “Compreende-se: se o nome está associado àquele que o porta, se é uma parte constitutiva da identidade social da pessoa e a palavra, como disse Roland Barthes (1971: 183), é o “autônomo rigoroso da morte”. Ou seja, dizer o nome do morto, seria como entrar em contato com o morto, tornando-o vivo de alguma forma, ou até mais grave, seria evocá-lo. Entretanto, na perspectiva de Rodrigues (2006), no Brasil diretamente não existiria o tabu do nome, mas indiretamente estaria presente. Não obstante, essa dificuldade de se conversar sobre o assunto muitas vezes se dá pelo fato que as pessoas acham que vai ter que falar alguma coisa importante o suficiente para que o sofrimento da pessoa na hora seja “extinto” de alguma forma.

A morte de outro é o anúncio e a prefiguração da morte de ‘si’, ameaça da morte do ‘nós’. Ela mutila uma comunidade, quebra o curso normal das coisas, questiona as bases morais da sociedade, ameaça a coesão e a solidariedade de um grupo ferido em sua integridade... Diante da prefiguração da morte de ‘si’ e da ameaça da morte do ‘nós’ que se pode ver na morte do ‘outro’, a sociedade se emociona e sua palavra de ordem é a união (RODRIGUES,2006, p. 82/83).

Outrossim, entre os diversos exemplos de “tabu” social, como é salientado, existe a morte no meio de todo ocultamento. O tema da morte ainda é um tabu que se perpetua durante os séculos, o que em outrora era “mais fácil” de se estar perto, no mundo atual, é necessário esforço, compreensão e ter resiliência, para que se possa falar abertamente sobre assunto, como objeto de pesquisa ou de senso comum. Nesse sentido, a morte em algum momento perde o “anacronismo sentimental” para a negação. Segundo Pessini (1990, p. 22-23), apontado por DENISI (2015), “A morte, tão presente e familiar no passado, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição”.

No século XX, o muro do silêncio em relação aos adultos e adolescentes sobre a educação sexual, era quase intransponível, diferentemente de antigamente, onde existia uma extrema dificuldade grande para falar sobre sexo, pois a sexualidade era uma esfera de segredo onde os que viessem com o assunto deveriam ser o mais discreto possível. Portanto, isso não significa que nos dias atuais seja mais fácil, já que ainda está entre os tabus mais pertinentes na sociedade. Acontece que, o segredo que cercava a esfera sexual diminuiu. Da mesma forma, para TORRES (1979), no referido século anteriormente citado, ocorre uma inversão de valores moralmente explícitos, o tabu ao sexo que anteriormente era objeto de ocultação nas conversas dos indivíduos foi sendo desmistificada e sendo cada vez mais debatida entre adultos com menores, porém, quanto mais se “relaxava” o assunto, para a morte, não se leva no mesmo caminhar, pois, enquanto antes se dizia às crianças que elas nasciam de um repolho, ou vieram com a cegonha, para a morte, essas mesmas assistiam cenas de despedida de um moribundo, já na atualidade, crianças estudam sobre fisiologia, e da morte, quando um familiar desaparece diz-se que foram descansar em um jardim. Na perspectiva de Elias (2001), em relação à vida sexual, se deu um relaxamento limitado na sociedade, porém perceptível com relação as discussões sobre sexo, as barreiras e tabus que antes cercavam o tema da sexualidade não são mais visíveis, apesar de que ainda existem dentro da sociedade, só não mais rígido como antes. Contudo, questões voltadas à agonia e à morte, o movimento foi contrário, pois com o passar dos tempos, ao que parece, só se intensifica a repressão e o embaraço.

Contudo, apesar desta distinção, para ELIAS (2001) existia uma ligação entre esses dois aspectos de sexualidade e morte. Ambos são “fatos biológicos moldados pela experiência pelo comportamento de maneira socialmente específica” ou seja, é de praxe entender que, durante cada período de civilizações contrárias, a cultura está em constante desenvolvimento e com isso os indivíduos vão se moldando conforme o período que estão. A cada época cria-se uma nova perspectiva de se interrogar sobre a morte e o morrer. Sob a ótica do erudito autor em referência, a morte não se dá em sociedade pelos fatos biológicos e sim pela ideia da constante evolução social. Dessa forma, independente do período, o homem nunca deixou de

interrogar-se sobre si e sobre o que vive. Portanto, esse processo civilizatório impõe uma crescente repressão emocional, sobretudo em relação à morte, já que, o comportamento e as emoções do homem são moldados pela época em que vive, “e a maneira como os indivíduos agem irá interferir diretamente na sociedade, provocando mudanças, alterando ou desenvolvendo novos modelos das relações de interdependência no decorrer do seu avanço” (ELIAS apud Nogueira e Brandão, 2020). Nesse sentido, a repressão emocional em torno da morte e também do sexo é um dos aspectos mais visíveis desse processo civilizatório. Em contraposição da perspectiva de ELIAS (2001), ressalta-se a afirmativa de J. Jubert (1994) citado por HERRÁN e CORTINA (2007):

que el tabú del sexo y el tabú de la muerte corren “destinos opuestos”, porque, mientras que la actitud del adulto hacia el sexo parece haber encontrado el camino de su superación, la actitud ante la muerte está más bloqueada y sin una ruta de salida clara, de modo que se recurre a la improvisación o a la respuesta convencional.

Independentemente das distintas observações analisadas entre Elias e J. Jubert sobre os caminhos feitos pela negligência social da morte em relação à sexualidade, ressalta-se entre ambos o mesmo paradigma no final, que é a ocultação ainda presente nas sociedades, sempre na tentativa de afastar o homem de pensar sobre sua finitude, pelo contrário, a temendo. Apesar de que, o relaxamento do tabu sobre o sexo permitiu uma pequena abertura para discussões que antes eram completamente evitadas. Portanto, isso dá algum tipo de esperança que um dia a morte será vista como um assunto que o senso comum abordará sem apreensões.

Para finalizar, é de praxe, como foi posto em diversos momentos, a morte não é mais familiar como antigamente, e, na atualidade, as famílias estão cada vez mais distantes dos moribundos. Rodrigues (2006, p. 178) ressalta que, “uma vez morto, são as empresas funerárias os grandes interessados pelo indivíduo”; isso quer dizer que essas empresas estão frequentemente dando informações sobre a saúde dos doentes, principalmente para a família do morto, que deixa tudo na mão dessas empresas para que “o problema seja resolvido o mais rápido possível”. Maertens, 1979, citado por Rodrigues (2006), coloca que, nos Estados Unidos, estima-se que, durante a década de 1970, os recursos movimentados em função das empresas funerárias somavam dois bilhões e meio de dólares anuais. Nota-se que, dos tempos pretéritos até os dias atuais, a morte se torna um catálogo. Outra recente invenção dessas empresas é o funeral home e a tanatopraxia; ambos cuidam da restauração do cadáver, e, na tentativa de apagar os traços tristes e de agonia, utilizam maquiagens, cuidam do cabelo e o vestem com uma roupa bonita, numa possível ilusão de que, apesar de morto, a pessoa ainda está viva. Por conseguinte, ao que parece, o Ocidente tenta, a todo custo, camuflar seu impacto destrutivo ao se concentrar em um “mito de progresso”, onde existe uma possível contradição: a sociedade é, ao mesmo tempo, consumista e destrutiva, mesmo promovendo uma boa vida. Logo, a morte se transforma em um objeto de comercialização. “O mito ocidental de conservação da vida, da amortalidade, de imortalidade, contém em si a Morte: o irreversível vazio que estamos em vias de produzir” (RODRIGUES, 2006, p. 182); ou seja, numa busca distópica de uma vida onde é possível vivermos para sempre, a sociedade se perde no próprio paradoxo e se reencontra no fim com a própria finitude, que levará ao vazio e ao esgotamento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia teve como objetivo analisar os motivos pelos quais a sociedade contemporânea evita o debate sobre a morte em diversos aspectos da vida cotidiana. Foram examinados períodos históricos e as abordagens de diversos autores, que lançam luz sobre a forma como a morte tem sido ocultada e transformada ao longo do tempo.

Ao longo do estudo, ficou claro que a morte, apesar de ser uma certeza inescapável, tornou-se um tabu difícil de ser debatido. A consciência da finitude perturba o ser humano desde os primórdios, mas, na atualidade, esse desconforto foi exacerbado pela medicalização do morrer e pela busca incansável por retardar o envelhecimento. As sociedades ocidentais, em especial, têm afastado os moribundos e idosos do convívio familiar, ocultando o processo de morrer e transferindo essa responsabilidade para os hospitais,

como destaca Phillippe Ariès e Norbert Elias. Ao isolar a morte, a sociedade cria uma falsa sensação de controle sobre a vida, o que, paradoxalmente, só aumenta o medo da finitude.

Portanto, para Camerino (2020), no capítulo “Compreender a dor - Cuidados Paliativos” de seu renomado livro, a dor, assim como a morte, é um lembrete constante da fragilidade humana. Enquanto a alegria nos conecta ao mundo, a dor nos interioriza e despersonaliza, afastando-nos da vida social. Da mesma forma, a morte, que outrora fazia parte da vida cotidiana, foi relegada a um plano técnico e distante. A modernidade, na sua luta contra a dor e o sofrimento, contribuiu para a diminuição do limiar de tolerância ao sofrimento, o que também reflete na maneira como lidamos com a morte, transformando-a em um evento solitário e desumanizado. Sendo assim, a dor e a morte são realidades inescapáveis que nos conectam à nossa condição humana. Abolir a dor seria, de certo modo, abolir a própria humanidade. Da mesma forma, evitar falar sobre a morte nos impede de lidar com ela de forma adequada e consciente. A aceitação da morte, embora difícil, pode trazer uma nova perspectiva sobre o que realmente importa em vida. A reflexão sobre a morte, portanto, é uma forma de valorizar mais intensamente a própria existência.

No entanto, o que pode ser ressaltado, é que a morte não precisa ser desumana e solitária como se transformou na atualidade, tampouco um tabu. Em geral, uma pessoa que perde outro alguém, não espera escutar palavras pomposas e grandes clichês previamente articulados para se sentir bem com a perda que teve, o indivíduo quer se sentir acolhido e poder lembrar com carinho daquele se foi. Hoje em dia, a morte se tornou um tabu tão grande, que os que têm esse tema nas mãos - os médicos - ainda são relutantes para falar sobre isso, chegando ao ponto de ocultar do próprio moribundo, que está morrendo, (ARIÈS, 2017), como observado no conto "A Morte de Ivan Ilitch" de Tolstói, destaca esse afastamento, onde até mesmo o moribundo muitas vezes desconhece sua real condição.

As sociedades contemporâneas também reforçam a negação da morte através de práticas como o afastamento precoce dos idosos e o uso de procedimentos estéticos que mascaram os sinais de envelhecimento. Essa tentativa de esconder a finitude da vida impede que as pessoas enfrentem de maneira saudável o luto e o processo de morrer.

Conclui-se que é essencial que o tema da morte seja reintroduzido no convívio social de forma aberta, respeitosa e prática. A morte, ao ser tratada como um tabu, priva os indivíduos da oportunidade de viverem plenamente. Enfrentá-la de maneira mais consciente e humana é, talvez, uma das maneiras mais eficazes de viver com mais profundidade e autenticidade. “A morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas” (ELIAS, 2001, p.2).

REFERÊNCIAS

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. 1. ed. São Paulo: Sextante, 2019. 192 p.

ARIÉS, Phillipe. **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BECKER, Ernest. **A negação da morte**. 16. ed. São Paulo: Record, 1991. 364 p.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 11, p. 209-216, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/lj/epsic/a/PfSWjx6JP7NQBWhcMBXmnyq/?lang=pt>. Acesso: 05/04/2024

DA COSTA TORRES, Wilma. O tabu frente ao problema da morte. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 31, n. 1, p. 53-62, 1979. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/abp/article/view/18015>. Acesso: 10/04/2024

DE LA HERRÁN GASCÓN, Agustín; CORTINA, Mar. Fundamentos para una pedagogía de la muerte. **Revista iberoamericana de Educación**, v. 41, n. 2, p. 1-12, 2007.

ELIAS, Nibert. **A solidão dos moribundos, "Envelhecer e morrer"**. ZAHAR. Rio de Janeiro, 2001.

EPICURO. **Carta sobre a Felicidade (A Meneceu)**. [Trad. Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore]. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FERNANDES, Alessandra Navarro. **O tema da morte na poesia romântica brasileira**. 2005. 118f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

FITZGERALD, F. Scott. **O Curioso Caso de Benjamin Button**. 1. ed. Rio de Janeiro: Antofagica, 2022. 176p.

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a Guerra e a Morte**. Tradutor: Artur Morão. Textos Clássicos de Filosofia. Covilhã, 2009. E-Book disponível em: https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Freud_sigmund_da_guerra_e_da_morte.pdf. Acesso: 15/03/2024

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. Edição Companhia das Letras das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: 2022.

KESTEMBERG, Célia Caldeira F.; SÓRIA, Denise de Assis C.; PAULO, Elizabeth Ferreira Pires. Situações de vida e morte uma questão reflexiva. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 45, p. 259-265, 1992.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e Morrer: que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes**. [Tradução: Paulo Menezes]. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CAMERINO, Luciano Caldas. **Ser sujeito da morte: reflexões filosóficas, vivências e ocorrências**. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Liber Ars, 2020.

MARTINS, José de Souza. **A Morte e os Mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec, 1983.

MATTEDI, Marcos Antonio; PEREIRA, Ana Paula. Vivendo com a morte: o processamento do morrer na sociedade moderna. **Caderno CRH**, v. 20, p. 319-330, 2007.

NASCIMENTO, Mara Regina do; TAVARES, Mauro Dillmann. **Guia didático e histórico de verbetes sobre a morte e o morrer**. 2022.

NOGUEIRA, Ione da Silva Cunha; BRANDÃO, Carlos da Fonseca. O processo de civilização e o controle das emoções—alterações sociais e percepção da infância. **Revista Educação em Questão**, v. 58, n. 57, 2020.

NOGUERA, Renato. **O que é o luto: como os mitos e as filosofias entendem a morte e a dor da perda**. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2022. v. 1. 208 p.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. 260 p.

SANTOS, A. P. D. et al. Morte e morrer: uma perspectiva antropológica e pedagógica sobre o morrer. **Formação Docente**, v. 10, n. 2, 2018.

SILVA, Denise de Souza et al. A perspectiva dos cuidados paliativos e a questão do morrer no contemporâneo. 2015. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/123456789/5927>. Acesso: 17/04/2024

SILVA, Weverson Bezerra. **Pensando a morte: uma revisão bibliográfica**. 2017.

VERAS, Lana; SOARES, Jorge Coelho. Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 02, p. 226-236, 2016.